

CRÔNICA**"Até um dia" a Eduardo Campos**

"Se é escritor, é colega". Foi assim que Eduardo Campos recebeu o jovem escritor Raymundo Netto que acabara de lançar um conto no passado: Cadeiras na Calçada

**Raymundo Netto
especial para O POVO**

[22 Setembro 16h29min 2007]

Ontem à noite, estava trabalhando num texto difícil, quando alguns amigos ligaram, enviaram e-mails, recados na página do orkut: "Você já está sabendo? O Eduardo Campos faleceu!"

Sim, eu sabia que ele estava se restabelecendo de um acidente vascular cerebral recente, mas não, não sabia que ele havia falecido.

Voltei imediatamente ao computador, tinha que terminar meu trabalho, o trabalho em primeiro lugar, depois... depois... depois sei lá o que faria! Tentaria não pensar, talvez...

Para mim, sempre foi complicado encarar a morte. Refiro-me à morte total, plena. A morte fisiológica não é um problema, mas a morte essencial, essa é cruel e insuportável. Talvez por isto, essa minha mania de criar, produzir e publicar na esperança de superar a morte visceral e transpor a barreira da existência finita e, de alguma forma, alcançar a imortalidade, como se diz na máxima: "as palavras voam, mas não as escritas"!

Pensando dessa forma, não tenho dúvidas de que Eduardo Campos, de fato, não morreu!

Conheci o Manuelito Eduardo há dois anos, quando fui oferecer-lhe um exemplar de Um Conto no Passado: cadeiras na calçada, no Instituto Histórico. Tremia-me todo. Para mim, ele era uma lenda. Disse a um recepcionista que queria falar com ele, mas que não tinha marcado nada. O rapaz, por trás de uma grade em madeira, perguntou meu nome. Respondi, ciente da irrelevância deste, que "eu era apenas um escritor!"

Foi então, que ouvi uma voz grave soar por trás da parede: "Se é escritor, é colega. Manda entrar para tomar um café com a gente!" Dei a volta no prédio, encontrando numa saleta, uma mesa de café cercada de pessoas e ele, o Eduardo Campos, veio, como sempre elegante, estender-me a mão e sorriu: "Fique à vontade, a casa é nossa!"

Sentei-me encabulado, era tanta a simpatia, à cabeceira de uma mesa escura sob os olhares de todos. Entreguei-lhe o livro. Apontei um trecho de Louvação com muito amor de sua autoria, transcrito nas primeiras páginas, enquanto o folheava. Quando o convidei para o meu lançamento, foi logo dizendo que seria uma grande satisfação, mas que a d. Heldine, sua senhora, não estava bem ultimamente, e que tinha que dar-lhe atenção, "afinal na nossa idade"... Falou-me que faltara, inclusive, ao lançamento do livro de um grande amigo, o Blanchard, devido a um mal-estar súbito na hora da saída.

Conversa vai, conversa vem, nos despedimos.

Um mês depois, voltei ao Instituto. Ele que estava chegando, acenou-me e logo informou: "Quando gosto muito de um livro, mando encadernar. O seu já foi encadernado!" E sorriu um sorriso alegre, amplo, brilhoso, amigo. Convidou-me para entrar, conversar um pouco sobre a última reforma do prédio e saber de seus planos: "Tudo agora vai estar na internet. Tudo!"

Sentado com as pernas cruzadas, roçava os polegares e enclavinava os dedos enquanto a testa franzida elevava o olhar como a recitar o passado. Alertou: "No mínimo, seremos amigos, pois eu escrevo sobre o meu tempo, e você escreve sobre o meu tempo também!"



O mestre Eduardo Campos

Confirmou-me as crônicas longevas, as memórias encanecidas e saborosas da irreverente Rachel, empregada de sua casa enquanto menino, e as discussões "filosóficas" com Izabelzinha, sua mãe de criação; os prazeres da cidade, as festas, as conversas em rodas de calçadas, o gosto pelas pessoas, a luta hercúlea pelas letras, as histórias dos bastidores de quem ainda acreditava que o que se fazia, tinha alguma importância: "A grosso modo, como se diz, éramos matutos!"

Depois daquele dia, senti-me tão próximo, que não vi mais necessidade de procurá-lo. Li, com grande admiração, seu trabalho de prosador em O Pranto Insólito, O Abutre e outras estórias e As Danações, além de conhecer algumas de suas obras de pesquisa, como Capítulos de História da Fortaleza do Século XIX e assistir, com alegria, à merecida indicação de sua obra para a lista do vestibular. Não, recuso-me a dar adeus a Eduardo Campos, no máximo, até um dia.

Agora, parece que ele sai de cena, mas temporariamente, pois, enquanto isso, muitos jovens passam a ler a sua obra, descobrir-lhe as palavras, a voz que não morre nunca e que ressoa através dos tempos futuros, influenciando-lhes e, por vezes, até decidindo-lhes o destino.

Que viva para sempre, Eduardo Campos!

Raimundo Netto é escritor. Escreve crônicas para o Vida & Arte do O POVO.

Leia mais sobre esse assunto

22/09/2007 16:29:42 - [Bibliografia](#)
22/09/2007 16:29:42 - [Lembranças de chuva](#)
22/09/2007 16:29:42 - [Para rememorar a história do Ceará](#)
22/09/2007 16:29:42 - [Um gigante de voz retumbante](#)
22/09/2007 16:29:42 - [Um homem em três dimensões](#)
22/09/2007 16:29:42 - [Um trem em movimento](#)
22/09/2007 16:29:42 - [Viagem definitiva](#)